

O discurso ecológico no discurso jornalístico: novas atitudes mentais, sociais e ambientais na prática jornalística

*Moisés dos Santos Viana*¹
*José Everaldo Oliveira Santos*²

Resumo: O presente artigo é uma elucidação acerca do discurso em geral, e do discurso ecológico em particular no discurso jornalístico. Destacam-se a importância do contexto, do diálogo como características principais para desenvolvimento dessas manifestações da linguagem, os discursos. Para tanto, observa-se neles um espaço dialógico de inúmeros enunciados que se alternam infinitamente, comunicando-se dentro de infinitas possibilidades, como o discurso ecológico e o discurso jornalístico. Assim, dentro do contexto atual há um diálogo rico e necessário entre esses dois discursos.

Palavras-chave: Discurso ecológico. Discurso jornalístico. Linguagem. Dialogismo.

¹ Jornalista. Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Itapetinga. Mestrando em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professor Auxiliar da UESB/Itapetinga. E-mail: tutmosh@gmail.com

² Mestre em Educação. Professor do Curso de Especialização em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Itapetinga. Professor Assistente da UESB/Itapetinga. E-mail: zeveraldo9@yahoo.com.br.

The ecological discourse in the journalism discourse: new attitudes mental, social and environmental in the journalism

Abstract: This article is an elucidation about the in general, and in the ecological discourse and the journalism discourse. To be detached the importance of context dialogue and main features for development of these manifestations of the language, the discourses. However notes a space of dialogue which listed numerous alternate infinitely. Communicating within infinite possibilities, such the ecological discourse and the journalism discourse. Thus within in this context there is a rich and necessary dialogue in the discourses.

Keywords: Ecological discourse. Journalism discourse. Language. Dialogism.

Introdução

A linguagem é forma de expressão do indivíduo dentro de um campo social. Uma faculdade que o ser humano tem para apresentar seu pensamento, usando, nesse caso, o suporte da língua humana (organização de sons, os fonemas). A linguagem pode ter variações, dependendo do contexto que é empregada dentro da realidade, e como apoio na construção dos vínculos sociais.

Para Saussure (1972, p. 17), essa linguagem não se desvincula da língua, pois esta faz parte daquela e ambas se completam, à medida que contribui para formação e coesão coletiva dos indivíduos: “É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Por isso, não se pode separar a vida em sociedade da prática da linguagem. Elas se confundem, assinala Orlandi (1987, p. 89), conservando uma homogeneidade histórica e enraizada em tradições culturais antigas: “[...] a língua não é só um instrumento, nem um dado, mas um trabalho humano, um produto histórico-cultural”. A produção da linguagem se origina na interação social ou no conflito de idéias entre sujeitos heterogêneos. Nesse caso, a linguagem é mais que símbolos arbitrários, palavras em uso. Representa valores e pensamentos já cristalizados ou impostos na sociedade.

Assim, as premissas sociais, para formar a questão do ato comunicacional da linguagem, tornam-se conteúdo comunicado ou partilha de convicções dos sujeitos da língua, que se entendem mutuamente no discurso. Quanto à formação do discurso, deve-se levar em conta o contexto que o determina, pois ele é fruto da junção sócio-cultural e histórica. A possibilidade do discurso é o contexto sociocultural, sua condição de produção. Para tanto, Marcondes Filho salienta que o discurso não é gratuito por si só, ele tem sentido num dado momento quando é produzido e quando é posto em uso:

Uma palavra não é só uma palavra, ela produz, ao ser pronunciada, algo de novo, inesperado, estranho que se acrescenta a ela. Trata-se de algo criado apenas naquele momento específico, que se instala lá dentro, um ‘qualquer coisa’ de inspirado, que toma corpo dentro das palavras. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 53).

Portanto, na produção do discurso emergem significações e sentidos, ou seja, é na construção do sentido que se encontra a formação discursiva. Os sentidos que se inter-relacionam no estado social do emissor (locutor do discurso e interlocutor) e do receptor, chama-se situação de comunicação: “[...] dependem da estrutura das formações sociais e decorrem das relações de classes, tais como descritas pelo materialismo histórico”³ (MARCONDES FILHO, 2004, p. 114). Tudo isso forma as condições de produção do discurso. No contexto de produção surge a interface em que o discurso é assumido, ele se liga ao sujeito que o elabora, e nem por isso não deixa de fazer parte das condições preestabelecidas que fazem surgir o fenômeno discursivo. Em outras palavras, o sujeito do discurso está inserido nas condições de produção.

³ Para Karl Marx (1818-1883), filósofo alemão, a realidade deve ser entendido do ponto de vista material e econômico-social. Ora, a realidade histórica, segundo o marxismo, baseando-se em Hegel, interpreta a história como o palco da luta entre classes opostas (escravos X senhores, burgueses X proletários). A realidade social é fruto dos meios de produção e de sua distribuição. Constituindo a realidade do materialismo histórico: “Marx, por su parte, encargará de hacer una lectura materialista de la realidad donde Hegel había hecho una lectura idealista. [...] la historia es el producto de condiciones materiales tanto de la naturaleza como de la historia” (ELLACURÍA, 1991, p. 23).

Desse modo, nesse artigo, através de uma pesquisa bibliográfica, apresenta-se uma reflexão acerca do discurso gerado no contexto atual de crise ecológica. A pesquisa teve como objetivo de encontrar as características do discurso ecológico e tecer uma relação com o discurso jornalístico. A pesquisa recorre à teoria do discurso, em Bakhtin (2002) e o conceito de Ecologia em Guattari (1991). Destacam-se a análise das variações enunciativas, comunicativas no universo interpessoal

Na primeira parte fazemos elucidações sobre o discurso jornalístico e como este nasce do contexto social. Após isso, refletimos sobre os aspectos do discurso ecológico e como este se faz presente atualmente em meio aos desafios sócio-ambientais da contemporaneidade.

Discurso jornalístico

Há a necessidade de quem produz o discurso, de voltar-se para os mecanismos fornecidos pela linguagem e, a partir disso, medir seus efeitos de sentidos dentro do contexto social que envolve as condições de produção. Dessa maneira, na formação do discurso, o emissor antecipa as representações do receptor e funda estratégias de discurso para obter êxito no seu objetivo.

Assim, tem-se o sujeito falante do discurso que é o porta-voz que dialoga subjetivamente com o contexto discursivo. Ele assume o papel social e o papel discursivo. Ele que possui as ferramentas da linguagem para utilizar na língua sua forma morfológica, suas regras sintáticas e o sentido semântico de cada palavra expressada.

Ele é o interlocutor não o autor do discurso, formulando-o e reformulando-o, para expressá-lo. Escolhe, privilegia e determina maneiras ou formas para expressar seu pensamento, adequando-o para obter sucesso na comunicação. No sujeito, o discurso se faz numa perspectiva do “eu” com o “tu”, uma troca interlocutiva. Depois, o “tu” determina o que o “eu” irá dizer, seguido por um anseio pela completude, o sujeito do discurso se completa interagindo com o outro.

Há assim um diálogo intradiscursivo que se chama dialogismo: “Fenômeno que participa da estrutura interna de todo discurso. Criticando a filosofia da linguagem e a linguística por terem estudado o diálogo apenas como uma forma composicional de construção do discurso [...]” (ZAMBONI, 2001, p. 23). Ademais, a interatividade do discurso é instante pelo qual o sujeito passa a ser espectador e ator, interagindo com o outro, variando o papel discursivo. A interação entre os sujeitos é percebida, no momento em que os observadores conhecem os efeitos do discurso sobre os interlocutores, um *feedback* discursivo. Desse modo, pode-se argumentar sobre a existência de vários sujeitos discursivos, um é o enunciador e o outro é o destinatário. Eles sempre alternam os papéis que formam a interdiscursividade.

O sujeito é essencialmente histórico num espaço social, projeta-se num tempo, situando-se numa correlação com o discurso do outro, inserindo-se no discurso do outro, reformulando e reelaborando. O discurso sempre se localiza em relação ao já enunciado como verdade já discutida, julgada e escolhida ou rejeitada. Ele aparece de modo implícito ou explícito no sistema de produção de novos enunciados discursivos. Assim sendo, tenta-se elucidar, a partir do teórico russo, Mikhail Bakhtin, o que seria o enunciado, expresso por um sujeito, anteriormente ou posteriormente ao silêncio entre os interlocutores:

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2003, p. 275).

É a enunciação que contém os conceitos, as idéias e a informação, codificados e relacionados no corpo do discurso. A enunciação frequente singulariza o discurso com jogos enunciativos, dando-lhe um corpo linguístico. A frequência regular dos enunciados constitui o discurso, dentro de relações históricas. É no acontecimento histórico que há

a realização de um enunciado, pois ele só existe durante o discurso, uma aparição momentânea chamada enunciação, contudo, ela precisa do sujeito para que tenha sentido, juntamente com um contexto. Portanto, o sujeito da enunciação procede de modo a responder ao contexto discursivo, levando em conta a contextualidade no qual surge o enunciado e sua função no discurso. Uma leva desses enunciados reunidos forma o discurso, que seria, então, um conjunto de enunciados numa mesma estruturação discursiva.

No discurso jornalístico há o espaço de diálogo entre diversos enunciados. Nele se encontra também a dinâmica dialética que concede à categoria discursiva uma peculiar maneira de apresentar a realidade. Há nesse tipo de discurso uma síntese que apresenta o contexto enquanto espaço conflitante: “[...] em um instante qualquer, os objetivos reais praticados no cotidiano superam a ordem do discurso e vêm à tona na ordem real, provocando o rearranjo das forças em conflito” (BARROS FILHO; MARTINO, 2003, p. 160). Portanto, no discurso do jornalismo o contextual se faz presente intradiscursivamente, bem como o diálogo que é influenciado de forma bem relevante e se sintetiza: “O texto só tem vida contactando com o outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (BAKHTIN, 2003, p. 401). O discurso jornalístico busca uma meta denominada síntese:

Se tratarmos o diálogo em um texto contínuo, isto é, se apagarmos as divisões das vozes (a alternância de sujeitos falantes), o que é extremamente possível (a dialética monológica de Hegel), o sentido profundo (infinito) desaparecerá (bateremos contra o fundo, poremos um ponto morto) (BAKHTIN, 2003, p. 401).

Dessa maneira é interessante salientar que no discurso jornalístico forma-se a partir do discurso do outro que pode aparecer inter-relacionados, de acordo com o contexto e com o fim que é direcionado: “As palavras e expressões de outrem integrados no discurso indireto e percebidos na sua especificidade (particularmente quando são postos

entre aspas), sofrem um ‘estranhamento’ [...], justamente na direção que convém às necessidades do autor [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 163). Assim sendo, pode-se examinar a questão do jornalismo como espaço do discurso do outro. Nessa perspectiva examinamos como o discurso ecológico pode ocupar esse espaço, inter-relacionado-se com diversos enunciados.

O discurso ecológico no discurso jornalístico

A palavra ecologia vem dos vocábulo gregos: *eco* casa, lar e *logia*, que significa estudo. Ecologia é o estudo da casa, do meio onde os seres vivem, onde se constrói o bem-estar, o habitat. O cientista alemão Ernest Haeckel, cunhou o termo na biologia em 1866 (morfologia geral dos organismos). Depois disso o conceito se amplia e se torna multidisciplinar: “Através da Ecologia, por fim, valores filosóficos de unidade da vida e integração homem/natureza, presentes em várias culturas tradicionais da humanidade estão renascendo numa linguagem prática e acessível ao homem moderno” (LAGO; PÁDOA, 1984, p. 11). Ecologia envolve o cuidado da casa que se relaciona de forma íntima com a mente, a sociedade e o cosmos. Desse modo, pode-se falar de ecologia em três níveis: ecologia mental, ecologia social e ecologia ambiental.

A ecologia mental é a ecologia da pessoa. Ela nasce do desejo de autoconhecimento, desenvolvendo ações emocionais positivas que se desdobram num processo de interação intrapessoal e interpessoal. Faz-se mister construir valores de integração humana para bem-viver, de boa saúde corporal e espiritual. A violência do ser humano contra si mesmo é a imagem real da ação contra a natureza. Disso, busca-se o cultivo da paz e a transmissão desta num nível coletivo (GUATTARI, 1990).

As guerras, o capitalismo no seu modelo mais grotesco (neoliberalismo) desacredita a sociedade e a justiça social. Há uma degeneração das pessoas, uma agressividade gerada num meio desumano e miserável, onde qualquer tipo de valor ético se desfaz na luta da lei do mais rico, mais forte ou do mais armado (GUATTARI, 1990).

Nessa ecologia social, a integração de um bem-estar pessoal se amplia na busca por uma sociedade igualitária, justa e equilibrada. Despertam-se valores de respeito pelo trabalho, pelo bem-estar material e cultural das pessoas. Nessa ecologia tenta-se interagir a cidade com seus habitantes, pensando numa economia auto-sustentável, com equidade, e estruturas de poder mais democráticas, para gerar dignidade, justiça e paz. A integração da ecologia mental e a social gera uma ecologia do sujeito total num processo de valor e luta contra a injustiça gerada pelo capitalismo que concentra os meios de produção nas mãos de uns poucos e aliena milhões, causando sofrimento e destruição (GUATTARI, 1990).

Gradualmente progresa el reemplazo del sistema ecológico natural por el sistema ecológico humano. Este progreso no es uniforme [justo] sino que depende de los avances intelectuales y técnicos que, por lo general, están directamente correlacionados con la acumulación de riqueza, tomando ésta en términos de aquellos valores de intercambio que puedan comprar alimento, recursos y servicios (HOLDRIDGE, 1996, p. 117).

Aqui, é desejoso restabelecer novas atitudes sociais, éticas e econômicas. E, além de tudo restabelecer valores que modificam para melhor a visão e relação com o planeta.

A problemática ambiental gerou mudanças globais em sistemas socioambientais complexos que afetam as condições de sustentabilidade do planeta, propondo a necessidade de internalizar as bases ecológicas e os princípios jurídicos e sociais para a gestão democrática dos recursos naturais. Estes processos estão intimamente vinculados ao conhecimento das relações sociedade-natureza: não só estão associados a novos valores, mas a princípios epistemológicos e estratégias conceituais que orientam a construção de uma racionalidade produtiva sobre bases de sustentabilidade ecológica e de equidade social (LEFF, 2002, p. 60).

Precisa-se passar para uma nova maneira de compreender o mundo. Este não é uma máquina fragmentada, mas um organismo vivo

que se auto-regula, um ser vivo que interage e inter-relaciona com tudo e com todos. Esse planeta é o lar, a casa, o *ethos*: “Chegamos assim a teoria de Gaia, que considera que a evolução dos organismos é de tal modo inseparável da evolução de seu ambiente físico e químico, que juntos constituem um único processo evolutivo, auto-regulável” (LOVELOCK, 1991, p. 39). Por isso, deve-se entender que os elementos constituintes do ecossistema: água, ar, rochas e outros se relacionam com as partes vivas formando reações físico-químicas. Eles constituem um todo sistêmico e não podem ser fragmentados. “A relação da parte com o todo tem a especial reciprocidade associada à noção de organismo em que a parte está para o todo; mas essa relação prevalece em toda a natureza e não se inicia no caso especial dos organismos mais complexos” (WHITEHEAD, 2006, p. 185). Desse modo, a justiça e a paz social se desdobram numa relação de integração ambiental, é a *ecologia cósmica*.

Ela envolve indivíduos que querem a saúde mente-corpo, buscando com dignidade e harmonia comunitária e ambiental, mediante o cuidado e o respeito pela natureza e os outros seres que formam a vida. Vive-se na busca de uma interação com o todo, com o planeta, criando mecanismos alternativos de desenvolvimento socioeconômicos. Por fim, é preciso haver a integração das três ecologias, pois o planeta é um organismo vivo, um sistema complexo de inter-relações constantes que nos proporciona a vida e o bem-estar. Portanto, ecologia diz respeito a vida e a sobrevivência, desafio na busca de novas atitudes mentais, sociais e ambientais.

Desse modo, é preciso que se compreenda a ecologia para ser elaborada e divulgada segundo um discurso ecológico contundente e esclarecedor. A responsabilidade dos profissionais de comunicação é imensa, porque eles devem orientar e proporcionar conceitos, mudanças de hábito e comportamentos através dos diversos meios de comunicação social, mensagens e dinâmicas dos processos comunicacionais (diversos meios e mídias). Também o discurso ecológico nos meios de comunicação deve proporcionar envolvimento da população na conservação dos recursos naturais, fazendo entender os impactos da

degradação ambiental à saúde, ao trabalho, às condições de vida, ao lar, ao lazer, à escola e à comunidade.

Esta questão faz-se, então, presente criando enunciados próprios que emergem de um contexto social, fruto de uma dialética entre saber e realidade, também entre interesses diversos, formando o discurso. Assim sendo, ele é um acontecimento constituído sob diversos pontos de vista: atores, espectadores, autores e leitores. Destarte, o discurso faz-se referência às relações de significação que perpassam o acontecimento e seus protagonistas na sociedade.

O discurso está na apresentação situacional e histórica, pois narra o evento e envolve diversos níveis inter-relacionados e díspares. Aqui, pode-se assumir o parecer de Maingueneau (2004, p. 171), ele apresenta o discurso como embrião de um contexto: “[...] não se pode, de fato, atribuir um sentido a um enunciado fora do contexto”. Exemplificando: a frase jornalística, “Desmatamento da Mata Atlântica ameaça mico-leão-dourado”, resume-se num discurso diferente do adágio, “Penso, logo existo”. Assim, a matéria jornalística sobre o desmatamento de um bioma e a possível extinção de uma espécie é entendida diferentemente de um tratado filosófico de metafísica, cada um desses discursos tem suas próprias regras de apresentação contextual.

Numa perspectiva bakhtiniana, pode-se argumentar que a formação do discurso é especificamente realizada no mínimo em duas instâncias que se inter-relacionam que se interagem na concepção do enunciado. Dessa maneira, o enunciado toma para si confrontos que formam relações de âmbito semântico denominado dialogismo para assim compor a realidade percebida:

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p. 348).

A realidade aponta para um contexto onde a questão ecológica atinge fundamentalmente todos os seres humanos. No momento atual, o discurso ecológico envolve os problemas da cidade, das casas e das pessoas, do meio ambiente. Por isso, é errado pensar em ecologia separada do cotidiano. Aqui, entra a inter-relação entre discurso ecológico e discurso jornalístico, pois o jornalismo narra o cotidiano. O discurso ecológico faz parte do dia-a-dia, e o jornalismo como práxis que compõe o fenômeno da comunicação humana participa disso, interpretando e narrando o problema ecológico. A questão ecológica impacta na sociedade humana uma situação sem precedentes.

Eventualmente, à medida que os efeitos da crise ecológica, intensificam-se, os desequilíbrios de poder entre nações em desenvolvimento provavelmente não serão suficientes para proteger si quer os cidadãos mais ricos dos conflitos sociais vividos agora pelos países em desenvolvimento (HUTCHISON, 2000, p. 23).

A crise existe e atinge toda civilização provocando desastres ecológicos inimagináveis à condição humana. Assim, há o desejo de entender a ecologia como mudança humana e histórica. O discurso ecológico parte desse pressuposto contextual. Essa é sua condição de produção. A agressão ao corpo humano, ao psicológico, às neuroses urbanas, agressão ao sistema da terra ao desequilíbrio ambiental. Esse discurso apresenta-se numa perspectiva globalizante. Num primeiro momento, voltado para preservação de espécies ameaçadas de extinção, fim das poluições objetivas e destruição das florestas. Depois se discute a questão social e o atual sistema de produção-consumo do capitalismo de mercado que privilegia uns e desabona a maioria.

Deve-se ter pensamentos e ações que construa a paz, acabando com os conflitos, estabelecendo novos paradigmas para construção da justiça e da equidade.

A necessidade de recuperar um sentido de conexão com o mundo natural e do homem com a comunidade da Terra como

um todo surge como uma tarefa cultural essencial para que possamos responder efetivamente ao desafio ecológico. Tal recuperação precisará ser multifacetada, envolvendo pessoas de todas as idades e profissões, e de todas as instituições sociais (HUTCHISON, 2000, p. 136).

Propõem-se a construção uma nova cultura onde valores como ternura, fraternidade se faça presente na dia-a-dia como forma basilar de comportamento das pessoas, como ética. A responsabilidade dos enunciados jornalísticos se encontra na elaboração de mensagens e dinâmicas que fundamentem melhores ações para uma nova realidade ecológica.

Para Bakhtin (2003, p. 379), o enunciado como produto final se relaciona numa mescla construtiva entre agentes discursivos que interagem, completando-se, formando o discurso: “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação à palavra do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas [...]”. O jornalismo é porta-voz do seu contexto, assimilando, rejeitando, redistribuindo discursos com a realidade onde todos se envolvem.

Portanto, o discurso jornalístico pode nutrir-se do discurso ecológico na sua formação. Daí o jornalismo assumiria uma vocação esclarecedora, educadora e formadora. Desse modo, é preciso que se compreenda a ecologia para ser elaborada e divulgada segundo um discurso ecológico contundente e esclarecedor.

O discurso ecológico se estrutura ao redor da teia de relações, interdependências e inclusões que sustentam e perfazem nosso universo. Junto com a unidade (um só cosmos, um só planeta Terra, uma só espécie humana, etc.) vigora também a diversidade (conglomerados galácticos, sistemas solares, biodiversidade e multiplicidade de raças, culturas e indivíduos) (BOFF, 2004, p. 211-212).

Há, aqui, ainda, a concepção da realidade do discurso jornalístico que é composto de inúmeros enunciados que dialogam entre si através

do polissêmico da fala da fonte (emissor), do jornalista (interlocutor) e do ouvinte/leitor/telespectador (receptor).

O discurso ecológico é fonte para o jornalismo ao fornecer a concepção de uma ecologia mental que nasce do autoconhecimento, desenvolvendo ações emocionais mais positivas num processo de interação intrapessoal e interpessoal. Faz-se mister a integração humana da saúde corporal e espiritual. “A singularidade do discurso ecológico não está no estudo de um ou de outro pólo, tomados em si mesmos. Mas na interação e na inter-relação entre eles” (BOFF, 2004, p. 16). Disso, busca-se o cultivo da paz e transmiti-la num nível coletivo. A ecologia social amplia-se na busca por uma sociedade igualitária, justa e equilibrada. Desperta-se valores de respeito pelo trabalho, pelo bem-estar material e cultural das pessoas.

O jornalismo apreende da ecologia a possibilidade numa economia auto-sustentável, com equidade, e estruturas de poder mais democráticas, para gerar dignidade, justiça e paz. O jornalismo ao assumir o discurso ecológico pode enriquecer-se para influenciar e convencer para uma nova mentalidade, uma ecologia cósmica. “Este saber se plasma num discurso teórico, ideológico e técnico, e circula dentro de diferentes esferas institucionais e ordens de legitimação social” (LEFF, 2002, p. 144). Desse modo, a justiça e a paz social se desdobram numa relação de integração ambiental, saúde mente-corpo, dignidade e harmonia comunitária, cuidado e o respeito pela natureza e os outros seres que formam a vida.

Conclusão

Portanto, o discurso ecológico nasce no desafio de novas atitudes mentais, sociais e ambientais e desdobra-se na prática jornalística, elaborada para divulgar nos meios de comunicação uma nova mentalidade ecológica. Fazendo com que se entenda os impactos da degradação ambiental à saúde, ao trabalho, às condições de vida, ao lar, ao lazer, à escola e à comunidade como um todo, pois o jornalismo é

uma práxis a ser exercida em casa, na rua, no bairro, no trabalho e no cotidiano como a ecologia em seus três níveis.

A interdiscursividade compreende ações e elucidações comunicativas que levem o sujeito a ser ator do seu contexto. E o desafio da linguagem, enquanto processo comunicativo é expressar rompimento, quebra de paradigma, morte e por isso mesmo renascimento, esperanças, transformações.

Cabe ao discurso ecológico em sua força nascente, em seu poder natalício, impregnar-se em todos os âmbitos humanos, potencializando o desejo de superar a crise cultural que passa a estabelecer novos valores inter-relacionados, cujo cerne é a integralidade humana e o meio ambiente complexo chamado comunidade da Terra (BOFF, 2004).

Como é de se esperar, esse processo é paulatino, mas iminente, diria urgente, por isso necessário ser canalizado pelos meios de comunicação, no discurso educacional e institucional, inserido no jornalismo como fonte principal de todo enunciado.

O discurso jornalístico como transmissor de informação e um espaço privilegiado de desenvolvimento mental, pode e deve assumir a missão de popularizar, apresentar e introduzir o desejo da ecologia: integrar todos seres vivos, renovar o desejo de pertença ao imenso nicho ecológico, organismo vivo que engloba a humanidade complexa, fascinante e evolutiva.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais de método sociológico da ciência da linguagem. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ELLACURÍA, Ignacio. **Filosofía de la realidad historica**. Madrid: Editorial Trotta, 1991.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

HOLDRIDGE, Leslie R. **Ecologia basada en zonas de vida**. San José: C. R. Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura, 1996.

HUTCHISON, David. **Educação ecológica: idéias sobre consciência ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAGO, Antônio; PÁDOA, José Augusto. **O que é ecologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LOVELOCK, James. Reconhecer gaia. In: _____. **Gaia: a prática científica da medicina planetar**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991. p. 33-50.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 168-172.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 1987.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

WHITEHEAD, Alfred North. **A ciência e o mundo moderno**. São Paulo: Paulus, 2006.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: FAPESP/Editora Autores Associados, 2001.

Recebido em: agosto de 2008

Aprovado em: abril de 2009